

## Incentivos fazem estudantes optar por cursos no exterior

EUA e Canadá são os países mais procurados por brasileiros. **PÁG 4**



### Procura por ensino superior à distância aumenta

Pesquisa confirma o crescimento desta modalidade entre os brasileiros. O curso de Pedagogia é o que possui o maior número de matriculados no Brasil, seguido do curso de Administração. **PÁG. 5**

### Desafios de quem deixa a casa dos pais para estudar

Depois da escolha de qual profissão seguir, os jovens precisam tomar outra importante decisão: optar por continuar morando com os pais ou encarar os desafios de morar sozinhos. **PÁG. 6**

Jovem de 23  
anos cursa  
doutorado na  
USP.  
**PÁG. 4**

Região  
oferece bolsas  
de Iniciação  
Científica.  
**PÁG 3**

Uniarara recebe  
certificação da  
editora Abril em  
quatro cursos.  
**PÁG. 8**

Tecnologia vira  
ferramenta de  
ensino em sala  
de aula.  
**PÁG 8**

# Trabalho em eventos gera renda extra para estudantes da região

## Universitários complementam renda trabalhando nos finais de semana

Repórter **Ana Paula de Souza**

Ao ingressar na universidade, estudantes buscam alternativas para aumento da renda e acabam encontrando oportunidades de atividades eventuais atuando em eventos como garçons, recepcionistas, coordenadores ou cerimonialistas. Outros optam por trabalhos em lanchonetes, bares e restaurantes.

Empresas de São Carlos e Araraquara tem nesses jovens mão de obra ideal. São dedicados, educados, simpáticos, atuam com agilidade e têm força de vontade e carisma para enfrentar duras jornadas nos fins de semana.

Uma empresa de São Carlos, especializada em organização de eventos como casamentos, feiras, aniversários, inovando dando oportunidade a jovens universitários. A empresa que está no mercado há 4 anos, conta atualmente com cerca de cem pessoas cadastradas, na maioria universitários.

A estudante Tais Carolini Ribeiro da Silva, 21 anos, que trabalha há um ano e meio na empresa, relata que esse tipo de

trabalho é uma alternativa para conseguir dinheiro rápido. Tais explica que os gastos com a faculdade e as despesas pessoais com transporte não são totalmente cobertos pela remuneração do estágio, tornando então o serviço como garçom muitas vezes indispensável.

A estudante, quando soube da oportunidade através de amigos que já trabalhavam na agência, foi fazer uma entrevista e na outra semana já começou a trabalhar. “É preciso ter consciência do que é prioridade. É claro que os estudos não podem ser deixados de lado, mas em casos de urgência vale o esforço para comparecer aos eventos, que de certa forma também proporcionam novas amizades e entretenimento”, ressalta Carolini, estudante do 3º ano de Publicidade e Propaganda da Uniara.

A proprietária de uma agência de garçons, Lidiane Periotto Mattiazzi, diz conhecer as dificuldades que os buffets têm para encontrar mão de obra especializada. Foi nesse momento que teve a ideia de abrir sua própria empresa. “Fiz uma parceria com os buffets para treinar estu-



Foto Ana Paula de Souza

Rafael coordena equipe de jovens universitários em eventos

dantes e ajudá-los a completar o pessoal deles nos eventos”, afirma.

Ainda de acordo com Lidiane, muitos estudantes a procuraram, dizendo

que queriam complementar a renda trabalhando como garçom *freelancer*. Os valores pagos por uma jornada variam de R\$ 60,00 a R\$ 70,00.

# Alunos encontram novas maneiras de estudar línguas de forma gratuita

## Jovens buscam alternativas para a deficiência de línguas nas escolas

Repórter **Amanda Nogueira**

Nos últimos anos a exigência de uma terceira língua no currículo vem sendo de extrema importância quando o assunto é futuro profissional. Em Araraquara, escolas públicas oferecem apenas a língua inglesa como opção de idioma estrangeiro; já as escolas particulares dispõem o Inglês e também o Espanhol nas suas grades curriculares.

As escolas de rede pública da cidade vêm passando por um momento crítico em relação ao ensino de línguas. Desde 1997, somente a língua inglesa é ensinada em sala de aula, enquanto a língua espanhola deveria estar sendo ensinada para alunos do ensino médio desde 2005.

No estado de São Paulo não houve concursos para contratar professores capacitados para lecionar a língua espanhola e por isso, ela não está sendo oferecida para os alunos de Araraquara.

“Com a falta do Espanhol estou sendo prejudicada porque é uma das opções que iriam me ajudar na hora de fazer o vestibular, já que não me dou bem com o Inglês”, diz Daiane Silva de Souza, 19 anos, que cursa o 3º ano do Ensino Médio na Escola Estadual João Batista de Oliveira. A opção que Daiane encontrou foi estudar a matéria por conta própria enquanto se prepara para as etapas do vestibular.

No vestibular, o aluno só terá direito a duas opções, Inglês ou Espanhol. O Inglês é oferecido desde a 5ª série, mas ainda assim as escolas ensinam somente o básico. No caso do Espanhol, depende do aluno querer aprender e correr atrás de aulas particulares.

### Instituições privadas

Em escolas particulares, a história é diferente. Desde cedo, os alunos já são apre-

sentados ao Inglês e ao Espanhol para se familiarizarem com as línguas, mas a principal importância dos idiomas chega no ensino médio, quando o aluno já deve ter um certo nível de entendimento das línguas para estar apto a decidir qual delas escolher no vestibular.

“O Espanhol é importante sim na grade curricular para quem entra no Ensino Médio, mas acredito que não seja tão importante quanto as matérias de exatas, humanas e o Inglês”, diz Mariana Pasqualini, de 15 anos, que cursa o primeiro ano do ensino médio.

Instituições privadas de ensino em Araraquara ainda oferecem ao aluno aulas, debates e trabalhos de pesquisa dentro das disciplinas, o que ajuda o aluno a sentir-se a vontade na presença de outro idioma.

Ter apenas o Inglês já não ajuda a conseguir uma boa carreira profissional, por isso a exigência do Espanhol no currículo tem sido um dos principais motivos do crescimento da busca por aulas da língua.

CEL – Centro de Estudo de Línguas

Desde 1987, o Governo do Estado oferece aos alunos de escolas públicas uma oportunidade de enriquecer o currículo aprendendo novas línguas e se familiarizando com novas culturas, nos Centros de Estudos de Línguas (CEL), com unidades espalhadas por diversas cidades do interior, inclusive em Araraquara

Localizado na Escola Estadual João Manoel do Amaral, o CEL abre vagas somente para alunos da 6ª série do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio. Para este ano as turmas já estão formadas. As matrículas para o ano que vem abrem em novembro.

Para mais informações ligue: (16) 33336-3911 ou compareça na própria escola, localizada na av. La Salle, sem número, Vila Ferroviária.

## EXPEDIENTE

O jornal **Vitral** é um projeto laboratorial experimental, produzido pelos alunos do 3º ano do curso de Jornalismo do Centro Universitário de Araraquara – Uniara, no âmbito das disciplinas “Design e Produção Gráfica”, “Redação e Edição em Jornalismo Impresso” e “Fotojornalismo”. A partir deste ano letivo, o **Vitral** passa a circular como encarte bimestral do jornal **Tribuna Impressa**, resultado de uma parceria entre o Centro Universitário de Araraquara – Uniara e a Empresa Jornalística Tribuna Araraquara Ltda.

**Reitor:** Prof. Dr. Luiz Felipe Cabral Mauro

**Chefe do Departamento de Ciências Humanas e Sociais:** Prof. Dr. Mivaldo Messias Ferrari

**Coordenadora do Curso de Jornalismo:** Profª Me. Elivanete Zappolini Barbi

**Professores Orientadores:** Fabricio Mazocco (design gráfico), César Mulati (fotojornalismo), Luiz Carlos Messias da Silva (Reportagem, Redação e Edição)

**Secretário de Redação:** Artur de Francischi Haddad

**Editores de Texto:** André Luis Dias, Pâmela Tamires Cadamuro e Paula dos Santos.

**Editores de Fotografia:** Jean David Cazellotto e Rafael Zocco de Camargo.

**Repórteres:** Amanda Nogueira, Ana Paula de Souza, Artur de Francischi Haddad, Débora Camargo, Diego Gibertoni, Fernanda Vilela, Gianfrancesco Rocha Bariani, Isabela Mendes, Jean David Cazellotto, Jéssica Palácio, Marcela Cioffi, Marcos Leão, Matheus Carvalho, Natália Pirola, Rafael Zocco de Camargo, Rodolfo Fernandes da Silva, Valdir Montanaro, Vinícius Bosquete de Almeida, Viviane Prativiera.

Centro Universitário de Araraquara – Uniara: Rua Voluntários da Pátria, 1.309 – Centro. Araraquara/SP. CEP 14801-320. Fone (16) 3301-7100.

Encarte do jornal “Tribuna Impressa” - Araraquara - SP.

# Greve nas Federais afeta alunos da região de Araraquara

## “Férias forçadas” alteraram o calendário de lazer e estudos

Repórter **Diego Gibertoni**

O ano letivo de 2012 está sendo atípico nas Universidades Federais. Uma greve iniciada no dia 17 de maio atingiu 56 das 59 instituições federais. O Estado que possui mais universidades e institutos tecnológicos que aderiram à greve é o de Minas Gerais, com nove universidades e quatro instituições tecnológicas. Alunos de toda região tiveram “férias forçadas” e se mostram indignados com a situação indesejada.

Os servidores públicos federais reivindicam reajustes salariais, bem como melhorias no plano de carreira. Segundo eles, se conseguirem um plano de carreira melhor, estarão mais dispostos e motivados a realizar pesquisas e diversos outros trabalhos junto aos alunos.

Porém, a greve gerou efeitos negativos que atingiram diretamente os alunos. A mudança de rotina, atraso no término da graduação, indecisão sobre o término da greve, perda das férias de verão, foram alguns dos maiores problemas.

No caso dos calouros, o calendário acadêmico ficou suspenso no decorrer da greve. O atraso na conclusão da graduação é inevitável com a greve, mesmo para alunos

que conseguiram exceção e continuaram a ter aulas normalmente, pois com o calendário acadêmico paralisado, eles não conseguem adquirir o certificado de conclusão.

A aluna Beatriz Prandini, residente em Taquaritinga/SP e estudante da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) está no 1º ano de Direito e admite muita dificuldade. “Moro em outro Estado, minha rotina foi alterada, sem nenhuma atividade na faculdade. Voltei para minha cidade e não tenho feito muita coisa. O fato de não termos férias de verão junto com amigos que não cursam federais é um fator bastante relevante”, comentou.

João Vitor Bieras, estudante de administração da UFU, diz que os alunos foram os mais prejudicados. “Não tem ponto positivo para os estudantes, pois são férias indesejáveis, não pudemos nos programar para viajar por não sabermos a data do fim da greve. E o que resta para fazer em casa é jogar videogame e bilhar com familiares, pois meus amigos estão em aula”, afirmou.

A aluna Luana Márcico, estudante da UFSCar, está preocupada com a reorganização dos estudos. “O curso em si não sofre alterações significativas, porque todo o período letivo será repostado. Porém, o fato

de estarmos tendo aula em época de férias faz com que haja a necessidade de uma reorganização de planos, tanto de lazer quanto de estudo, já que nossas rotinas serão mais intensas”, comentou.

A reposição das aulas depende da apro-

vação do calendário interno de cada instituição de ensino, nesse sentido, não há uma regra estabelecida. Contudo, as universidades irão repor as aulas nas férias de verão e nas férias de inverno, até cumprir com todos os dias perdidos devido à greve.



João Vitor joga para passar o tempo enquanto não voltam as aulas

Foto Diego Gibertoni

# Universidades públicas e privadas oferecem bolsas de IC

## Entidades incentivam alunos interessados em pesquisa

Repórter **Débora Camargo**

Popularmente reconhecida pela sigla IC nas faculdades e universidades de todo Brasil, as bolsas de iniciação científica são destinadas a alunos de cursos de graduação com a finalidade de promover o contato do universitário com o ambiente de pesquisa.

O programa de IC (iniciação científica) insere os estudantes em grupos de pesquisa, sob a orientação de um professor/pesquisador experiente para a aprendizagem de técnicas e métodos científicos. Quase sempre, os alunos que se interessam em participar dos programas de iniciação científica optam, futuramente, pela vida acadêmica como carreira profissional. O processo seletivo é feito através da avaliação do histórico escolar do candidato, curriculum do orientador e avaliação do projeto de pesquisa.

Apesar do programa de IC ser divulgado nas faculdades e universidades, muitos estudantes ainda desconhecem a existência de tal programa, suas finalidades e as etapas de aprovação das bolsas.

As bolsas de IC são oferecidas a nível nacional, patrocinadas por vários programas. As mais conhecidas são as patrocinadas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pela Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de SP (FAPESP).

As modalidades são Iniciação científica (IC), Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI).

A diferença entre tais modalidades é que na IC, o estudante pode participar do projeto de iniciação, sem receber bolsa-auxílio para

elaboração da pesquisa. Na modalidade PIBIC, o aluno recebe uma bolsa auxílio do governo durante o andamento da pesquisa. Já na última modalidade, PIBITI, o aluno recebe bolsa auxílio do governo, mas deve desenvolver seu projeto de pesquisa focado em desenvolvimento e transferência de novas tecnologias e inovação.

### IC na Uniara

A UNIARA pela primeira vez oferece uma bolsa de Iniciação Científica na modalidade PIBIC a estudante do 3º ano do curso Jornalismo, financiada pelo CNPq. O projeto da aluna Jéssica Palácios trata da patente como fonte de informação.

A estudante explica que desde 2010 demonstrava interesse em fazer IC, mas só conseguiu a bolsa em agosto deste ano. “Já estou na primeira etapa que é analisar a bibliografia proposta”, explica a estudante.

De acordo com a coordenadora do curso de jornalismo da Uniara, profa. Elivante Zupolini Barbi, os alunos de Jornalismo normalmente privilegiam a formação profissional, mais voltada para o mercado de trabalho. Poucos se interessam pela formação acadêmica, científica. A aluna Jéssica foi a única que se inscreveu para a bolsa, mas ressalta que em outros cursos a concorrência é grande.

“O tema da aluna Jéssica, sobre patentes e divulgação científica, é muito importante, pois o curso da Uniara é um dos poucos do País que tem a disciplina Jornalismo Científico em sua grade curricular e essa é uma das áreas do jornalismo que tem carência de profissionais especializados”.

De acordo com Fernanda Cesar, do Centro Integrado de Estudo e Pesquisa da Uniara, as bolsas de IC são oferecidas des-

de 2006 pelo PIBIC – CNPQ. O número de bolsas não é fixo. Inicialmente eram cinco e em 2012 chegam a onze. Neste ano 27 alunos participaram do processo, mas somente 11 bolsas foram concedidas.

A instituição também dispõe do próprio programa de IC – PIC, institucionalizado em 1999. Neste programa o aluno desenvolve seu projeto de pesquisa sob orientação de um professor, mas não recebe bolsa.

### IC nas Universidades Públicas

Vanessa Candiotti Buzatto, estudante do 4º ano de Biologia da UFSCAR também opina que a busca pela IC vai muito do aluno correr atrás e acrescenta que a coordenação e o governo deveriam investir mais em divulgação.

A estudante diz que por conta própria entrou no site da Embrapa Instrumentação (São Carlos) e ficou sabendo do processo de bolsas. Ela se inscreveu e está participando do 2º projeto de pesquisa de IC pela empresa na modalidade PIBIC.

O 1º projeto tratava da análise do efeito do própolis na inibição do crescimento de bactérias. Atualmente está participando de um projeto de pesquisa na área de biotecnologia animal, com a finalidade de analisar se as nanopartículas (partículas invisíveis) causam danos nas células animais, acarretando doenças como câncer.

O objetivo da pesquisa é tentar inibir os danos às células do animal. A pesquisa está sendo desenvolvida sob orientação de uma pesquisadora da Embrapa Pecuária Sudeste.

A UNESP (Araraquara) também oferece IC aos estudantes nas seguintes modalidades: PIBIC, PIBITI e ISB (iniciação científica sem bolsa) que possui o mesmo objetivo do PIBIC, porém o aluno não recebe ajuda de custo. Este ano a faculdade teve 97 pedidos

de bolsas, mas somente 48 foram concedidas abrangendo os cursos de Economia, Administração Pública, Letras, Ciências Sociais e Pedagogia.

Tatiana Passeto Corrêa Saraiva, da seção técnica acadêmica (STA) da UNESP, explica que apesar de ser feito um bom trabalho de divulgação de IC, o número de bolsas é insuficiente para a demanda da Universidade.

Quanto ao Instituto de Matemática da USP - ICMC (São Carlos), este ano foram disponibilizadas 58 bolsas, oferecidas pela USP, CNPq e Santander. Todos os estudantes que requisitaram a bolsa foram atendidos. Os cursos contemplados foram bacharelado em Ciência da Computação, Estatística e Licenciatura em Matemática; bacharelado em Matemática Aplicada e Computação Científica, bacharelado em Sistema de Informação, Licenciatura em Ciências Exatas e Engenharia de Computação.

Roseli Aparecida Francelin Romero, presidente da comissão de pesquisa do ICMC, afirma que, na USP, a IC é amplamente divulgada, sendo que nos últimos anos a própria USP, via Pró-Reitoria de Pesquisa, financiou 500 bolsas de IC. Em 2012, a USP ampliou ainda mais este número, passando de 500 para 1200 bolsas.

A USP recebe anualmente do CNPq, aproximadamente 1200 bolsas de IC e juntamente com as que a própria USP oferece, somadas às bolsas do Santander, tem-se em torno de 2500 bolsas de IC. Como forma de incentivo, a USP organiza anualmente o Simpósio Internacional de Iniciação Científica, que este ano está na sua 20ª edição.

Mais informações sobre o programa de IC incentivado pelo CNPq podem ser conseguidas no site: [www.cnpq.br](http://www.cnpq.br).

# EUA e Canadá são os países mais procurados por estudantes brasileiros

## Facilidades para obter visto são os principais fatores para escolha

Repórter **Gianfrancesco Bariani**

Em pesquisa realizada em empresas de intercâmbio na região, especialistas no ramo apontam os Estados Unidos e o Canadá como os dois países de maior preferência entre brasileiros para estudos no exterior.

Segundo Mônica Maia de Stéfani, especialista há mais de 20 anos no ramo e sócia proprietária de uma empresa de idiomas e de turismo de Jaboticabal, um dos principais motivos está no recrutamento de famílias feito nos países estrangeiros. “As famílias recebem incentivo do governo estadunidense e ficam isentas de impostos. No Canadá, as famílias e as escolas são pagas para receber os estudantes estrangeiros”, disse Mônica.

O recrutamento de famílias acontece via quadro de avisos colocados em igrejas e escolas, ou por meio de convites. Logo após o interesse da família, é feita uma seleção para ver quais estão aptas a receber estudantes.

“Mas nem sempre os estudantes ficam com famílias. Há opções de morar no dormitório da universidade. O intercâmbio é uma questão de confiança”, pontua Stéfani.

A empresária afirma que o crescimento na escolha do Canadá está na facilidade de retirada do visto. “A burocracia do Canadá simplifica a retirada do visto”, explica.

No Brasil, as empresas também fazem seleção das famílias brasileiras, para ver as condições do estudante que quer morar fora do país. “O estudante deve ser bom aluno para não criar problemas no exterior, pois as regras de lá são diferentes das do Brasil”, conclui a especialista.

### Brasileiros no exterior

O número de brasileiros matriculados em instituições de ensino superior dos EUA em 2011 atingiu a marca de 8.777 estudantes. O Brasil segue na 14ª colo-

cação entre os principais países que enviam estudantes aos EUA e continua na liderança no continente sulamericano.

Os dados foram divulgados no relatório anual do *Open Doors*, que é um estudo sobre mobilidade acadêmica internacional, publicado pelo Instituto de Educação Internacional (IIE), com apoio do Bureau de Assuntos Educacionais e Culturais do Departamento de Estado dos Estados Unidos.

Os números são bem inferiores quando comparados aos da China, que possui 128 mil estudantes nos Estados Unidos, e Índia, com 105 mil alunos. De acordo com Tábata Gondim, gerente de uma empresa de viagens para estudantes em Araraquara, o estudante não aprende apenas outro idioma com o intercâmbio. “Além do aprendizado ou aperfeiçoamento de um idioma, o estudante convive com a troca cultural com pessoas do mundo inteiro, ampliação do *networking* e vivência internacional”, esclarece Gondim.

A empresa que Tábata representa teve mais de 60 mil pessoas utilizando seus serviços e aponta a Inglaterra como terceiro país mais procurado por estudantes brasileiros.

A estudante de moda Deborah Brunini Petrarolha, 22 anos, passou temporadas de três semanas de estudos em Cambridge (Inglaterra) e Vancouver (Canadá). “Em ambos os países estudamos em período integral”, explica a estudante. Segundo ela, a Inglaterra é um país que pode crescer no gosto do brasileiro porque é “muito mais organizado, sem contar que lá nós temos liberdade de escolha nas nossas atividades”, completa.

### Diversas opções

O Rotary Club Internacional oferece três programas para intercâmbio. Cada Distrito escolhe o tipo de intercâmbio de que deseja participar. Como cada um administra seu próprio programa de in-



Foto Gianfrancesco Bariani

### Estudantes brasileiros deixam o país para fazer intercâmbio

tercâmbio, os requisitos de idade podem variar de um distrito para outro.

O objetivo dos programas é dar oportunidade aos jovens de vivenciar os aspectos da vida em outro país e expandir seus conhecimentos sobre o mundo; assim os jovens amadurecem e passam a compreender-se melhor. Os programas oferecem benefícios tanto para os participantes, quanto para os rotarianos anfitriões, rotarianos conselheiros e a comunidade em geral.

O intercâmbio de jovens teve início na década de 1920, envolvendo alguns clubes europeus. Embora tenha sido descontinuado durante a Segunda Guerra Mundial, voltou em 1946. A participação em intercâmbios acadêmicos aumentou na década de 1950 e, em 1972, o conselho diretor do RI sugeriu que o Intercâmbio de Jovens fosse adotado por Rotary Clubs de todo o mundo. Os preços variam de acordo com programas e países escolhidos.

### Programas

São várias as opções de programas e cursos disponíveis nas empresas localizadas na

região. Os preços variam conforme a duração, o destino e a modalidade escolhida.

- Intercâmbio de *High School* (colegial)
- Intercâmbio de cursos
- *Summer Camp* (acampamento de verão)
- Intercâmbio para adultos com mais de 40 anos

• Programa exclusivo para garotas entre 18 e 26 anos, com estudo e trabalho;

• *Bureau* de Carreiras (divisão especializada em orientar profissionais a partir de 25 anos, para escolha da melhor opção de cursos no exterior voltados para o desenvolvimento de carreiras);

No Rotary Club há opções para:

• Longa duração: intercâmbio direcionado a estudantes de 15 a 19 anos e normalmente dura de 10 a 12 meses.

• Curta duração: intercâmbio aberto a estudantes de 15 a 19 anos e varia de dias a semanas. Geralmente não inclui atividade acadêmica e é realizado durante o período de férias escolares.

• Novas Gerações: dura de três semanas a três meses e seus participantes têm entre 18 e 25 anos, podendo incluir atividades profissionalizantes.

# Aluno da USP é doutorando aos 23 anos

## Gabriel Ponce já cursa doutorado em Matemática na USP São Carlos

Repórter **Fernanda Vilela**

Os jovens têm pressa. É o que se percebe nas universidades ou no mercado de trabalho. Formada pelos nascidos entre o início dos anos 80 e meados dos anos 90, a Geração Y engloba o perfil de pessoas inquietas que querem crescer rápido na carreira.

Um exemplo desta busca precipitada pelo sucesso é o estudante da Universidade de São Paulo (USP), Gabriel Ponce que, aos 23 anos, está no terceiro ano do doutorado na área de Matemática, no campus de São Carlos. “Eu sempre fui bastante motivado por desafios e metas que coloco a mim mesmo”, disse o jovem que antecipou a graduação já pensando em cursar a pós.

Para chegar neste nível com tão pouca idade, Ponce começou o bacharelado em Matemática aos 17 anos, preenchendo o tempo livre cursando disciplinas que seriam dos anos seguintes. Com isso, o curso que seria concluído em quatro anos foi finalizado em apenas três. Aos 20 anos, o jovem já estava formado e iniciando o doutorado direto – o que não é um privilégio concedido a qualquer pesquisador.

O doutorado direto é o termo utilizado em algumas universidades como referência

ao programa de doutoramento para os que não possuem título de mestre. Embora as regras de ingresso variem de acordo com a instituição (algumas, inclusive, não oferecem esta opção), a modalidade geralmente é reservada aos alunos que demonstraram desempenho acadêmico superior durante o curso de graduação.

“No doutorado não interessa quantos anos você tem, o que interessa é o quão relevante é a sua contribuição à área”, afirmou Ponce. “O maior benefício para mim é o fato de que eu tenho um tempo a mais para terminar meu doutorado sem ficar ‘biologicamente’ atrasado”, conta.

Ponce explicou que, se uma pessoa entra na graduação logo após o término do ensino médio, normalmente aos 17 anos, vai terminá-la aos 21. Se for direto para o mestrado, terminará aos 23, indo para o doutorado e recebendo a titulação aos 27 anos. “Então, 27 anos é o ideal para uma pessoa que teve uma boa carreira acadêmica terminar o doutorado. Estou com 23 anos e no terceiro ano. Se eu demorar cinco ou seis anos para concluir o doutorado, termino com 25 ou 26 anos e ainda saio no lucro. Ou seja, tenho uma liberdade um pouco maior para pensar na qualidade da minha tese, o que é extremamente importante

já que ela é basicamente a primeira impressão que um estudante de Matemática passa para a comunidade acadêmica”, afirmou o jovem.

### A pressa pelo sucesso faz mal?

A psicóloga e especialista em jovens e adolescentes Lúcia Camargo, não vê essa antecipação como algo positivo. “Vemos por aí jovens adultos de 30 anos que se declaram com sucesso. Cada vez mais esse sucesso está ligado ao poder econômico, ao reconhe-

cimento social e tudo isso se dá porque vivemos em um mundo que exige muito de todos nós”, disse.

“Ser eternamente jovem já é um ideal totalmente enraizado em nossa cultura. Ter sucesso também. Esses dois ideais são imposições do sistema em que vivemos, pois a ideia é a de que, tendo estas duas características, produziremos mais. E esse é o objetivo da nossa maneira de viver”, concluiu a especialista.



Foto Fernanda Vilela

### Gabriel estuda para conseguir título de doutor aos 26 anos

# Taxa de evasão ainda é alta nas universidades brasileiras

## Pesquisa revela que um dos principais motivos da evasão no ensino superior é a indecisão na hora de escolher a carreira

Repórter **Jéssica Palácio**

A taxa de evasão no Ensino Superior ainda é elevada no Brasil. Dados do Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) de 2010 apontam que o número de matrículas realizadas no ano foi de 5.449.120 e o número de concluintes foi de 829.286.

Conforme estudo publicado em 2007, o Instituto Lobo para o Desenvolvimento da Educação, da Ciência e da Tecnologia aponta que o índice de evasão no Ensino Superior no país, entre 2001 e 2005, atingiu a média anual de 22%.

Além do fator socioeconômico, a indecisão na hora da escolha da profissão é um dos motivos de desistência e abandono de cursos.

Para tentar diminuir estas evasões, duas instituições de Araraquara promovem feiras de cursos e oferecem orientação profissional. A UNIARA realiza a FEC (Feira de Cursos), que acontece sempre na última semana de agosto e recebe, em média, 13 mil visitantes por ano. A UNESP promove a Feira de Profissões, que acontece na última semana de julho e reúne em torno de 15 mil estudantes.

Segundo a coordenadora do centro de

orientação profissional da UNESP (Araraquara), Maria Beatriz de Oliveira, a falta de orientação também é um dos motivos que contribui para a evasão. A professora acredita que não existe escolha errada, mas falta de informação sobre as profissões na época do ingresso. O estudante tem que saber do que não gosta e a partir daí analisar as características de cada curso que o atrai mais, recomenda.

Sônia Pinotti é membro do Centro de Orientação Profissional da UNIARA e afirma que a insegurança e a influência dos pais geram ansiedade no estudante que, geralmente, ainda é muito jovem para tomar tal decisão. Ela diz que a orientação se sustenta em três pilares: o autoconhecimento, o conhecimento das profissões e do mercado de trabalho. A falta de informação leva os jovens a escolhas equivocadas.

O coordenador de eventos da UNIARA, Paulo Cardoso, afirma que a visita à feira, aliada à orientação vocacional, torna a escolha mais segura e pode diminuir os índices de evasão nas universidades. Ele diz que a diversidade de cursos oferecidos pode gerar confusão na hora da escolha.

Letícia Brito, 17 anos, é estudante do



Foto: Jéssica Palácio

Letícia observa os estandes da FEC para decidir o que cursar

### Serviço

A UNESP e a UNIARA oferecem orientação profissional gratuitamente aos estudantes que ainda estão indecisos.

UNIARA: (16) 3301-7114  
UNESP: (16) 3301-6295

# Cresce a procura pelo ensino a distância

## Pesquisa confirma o crescimento da modalidade. Falta de tempo para frequentar cursos presenciais motiva a busca pela EAD

Repórter **Matheus Carvalho**

Dados da Associação Brasileira de Ensino a Distância mostram que há cerca de 6,5 milhões de estudantes universitários matriculados hoje no país, sendo que, desta quantia, 2,8 milhões estão matriculados em cursos a distância. Desde que essa modalidade de ensino tomou força no Brasil, na década de 90, numa iniciativa da Universidade de Brasília, esse número só cresceu e, segundo especialistas, tende a crescer ainda mais nos próximos anos.

De acordo com o último Censo da Educação Superior, realizado pelo INEP, a procura por cursos nesse período aumentou cerca de 15% em pouco mais de dez anos. O curso de Pedagogia é o que possui o maior número de matriculados no Brasil: 273 mil alunos, seguido do curso de administração, com 128 mil matrículas.

A rede privada é responsável pela oferta de mais de 80% das matrículas em cursos superiores a distância e, em alguns casos, como nos cursos de especialização em marketing ou tecnologia da informação, detém 100% dos estudantes. O preço de um curso a distância varia de uma instituição para outra. A modalidade a distância é mais acessível, enquanto a presencial pode chegar a ter um valor até três vezes maior.

Segundo a diretora de ensino Rita das Graças Cavichioli, a grande procura dos estudantes pelo Ensino a Distância se dá por conta desta modalidade ser tratada como uma saída para aqueles que já estão no mercado de trabalho e possuem apenas o período noturno para realizarem seus estudos. As novas tecnologias e o modelo dinâmico das aulas também cooperam para um melhor aprendizado nesta modalidade.

O ensino a distância permite que o estudante realize seus estudos a qualquer hora do dia. Em algumas instituições, são realizados encontros semanais, onde o aluno tem a oportunidade de elucidar suas dúvidas com um tutor. Esta modalidade pode ser com professor a distância e com tutor presencial, que acompanha toda a explicação das aulas teóricas e dá apoio ao estudante na realização da prática do curso (desenvolvimento de atividades).

Ainda segundo o Censo, nos cursos a distância a média de idade dos estudantes é de 32 anos, sendo que a maioria dos alunos tem 28 anos de idade, a chamada "idade moda". Outro dado notável desta modalidade é a presença de alunos com mais de 40 anos, que representam 25% dos matriculados, o que reforça a tese de que a opção pelo ensino a distância representa uma oportunidade de acesso à educação superior aos que não tiveram a oportunidade de ingressar em um curso na idade esperada.

Ana Paula Robiati, 32 anos, reside em Matão/SP e é formada em Administração de Empresas através do ensino a distância. Hoje, melhor empregada, ela conta que preferiu o curso a distância para que pudesse continuar cumprindo seus compromissos diários. "Na correria do dia a dia, optei pelo ensino a distância para poder ter um tempo livre e também ficar mais tempo com a família", afirma.

Segundo Ana Paula, em nenhum momento, desde a entrevista de emprego, até sua contratação, foi questionado em que modalidade ela havia se formado, comprovando que os alunos formados em cursos a distância ou presenciais não se diferenciam na disputa pelo mercado de trabalho. O diferencial é o próprio aluno, seu comprometimento e profissionalismo.

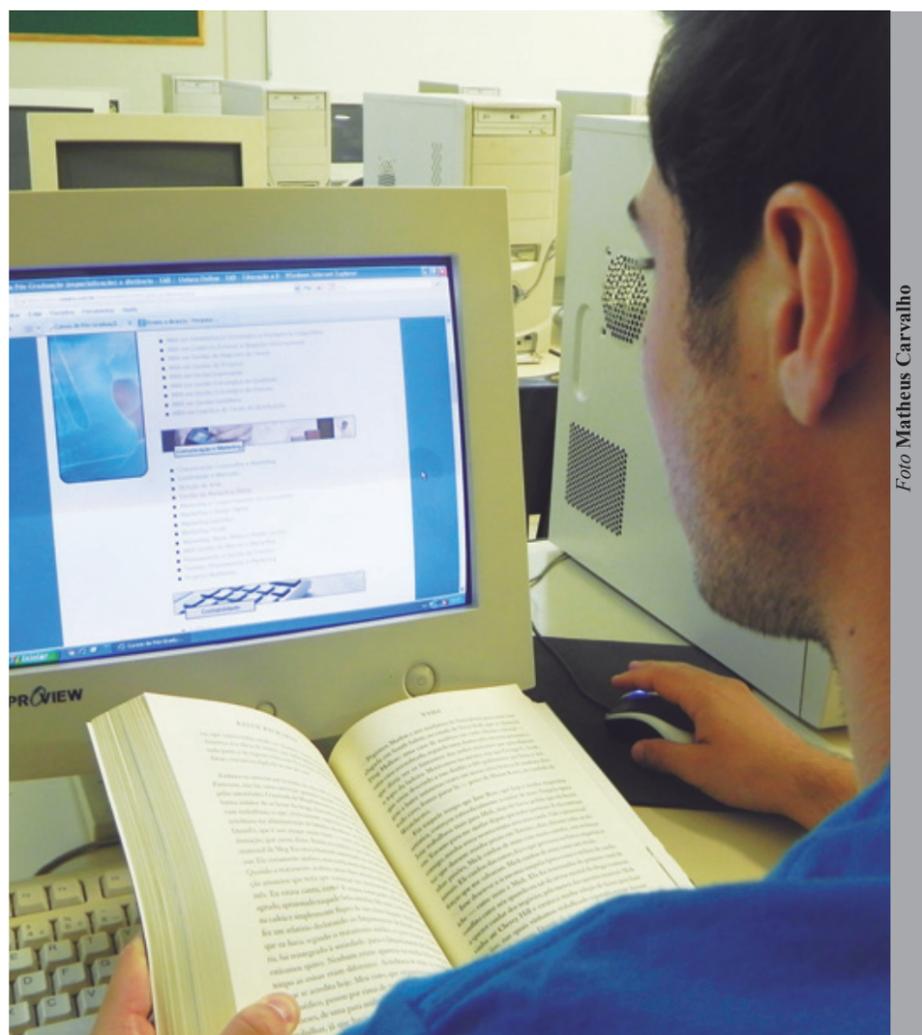


Foto: Matheus Carvalho

Alunos complementam ensino online através de livros didáticos

# Deixar a casa dos pais traz insegurança para quem vai estudar em outra cidade

## Jovens precisam tomar uma importante decisão: optar por continuar morando com os pais ou encarar os desafios de morar sozinhos

Repórter **Natália Pirola**

Ainda bem cedo, os jovens precisam fazer uma escolha importante: decidir qual profissão seguir. Com sonhos na cabeça, a maioria dos concluintes do Ensino Médio já optou pelo curso universitário. Mas essa não é a única decisão. Depois de aprovados no vestibular, precisam também optar por continuar morando com os pais ou se aventurar em cidades maiores para cursar a universidade morando sozinhos.

As opções mais comuns são as repúblicas e as pensões, que permitem que todos os moradores dividam as tarefas e principalmente as despesas. Porém, a importância delas vai muito além de um simples lugar para viver. O calouro terá de conviver com pessoas de vários lugares e personalidades diferentes, além de ser obrigado a adquirir noções de economia.

Gabriela Zago é aluna do 2º ano do curso de Farmácia-Bioquímica da Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (UNESP), em Araraquara. Ela deixou a cidade natal, Pirangi, para viver a tão sonhada “liberdade”, palavra frequente nas conversas de quem está prestes a morar sozinho.

Atualmente, Gabriela mora na república feminina “Tomba Lata”, em Araraquara. A estudante divide a casa com outras cinco



Gabriela Zago divide o tempo entre tarefas domésticas e os estudos

meninas e conta que durante seu primeiro ano de faculdade morou em uma quitinete, mas prefere a atual moradia, que permite a divisão das despesas e das tarefas domésticas.

“Ninguém para estipular horas nem controlar seu comportamento. Ninguém para reclamar da bagunça do quarto e nem da louça suja na pia são os maiores atrativos para deixar a casa dos pais”, garante a universitária.

Na teoria, a faculdade é uma das melhores épocas da vida. Entretanto, a prática

tem várias surpresas desagradáveis reservadas para os calouros que caem na armadilha de imaginar que tudo é festa.

“Nas primeiras semanas, estava muito animada com as novidades, como a faculdade e as novas amizades mas ainda não havia me deparado com as responsabilidades dessa fase. Depois de um tempo, percebemos que morar sozinho não é tão fácil e traz muitas responsabilidades, como conciliar os trabalhos domésticos, que antes eram a preocupação da sua mãe, com os inúmeros trabalhos da faculdade”, conta a estudante.

A experiência de deixar a casa dos pais trouxe a liberdade que não tinha, mas ao se deparar com situações como ter que lavar roupas, cozinhar, administrar seu dinheiro e controlar seus gastos, fez com que valorizasse coisas que antes não importavam tanto. Gabriela revela que a primeira vez que sentiu na pele as dificuldades de morar longe dos pais foi quando ficou doente e precisou procurar ajuda sozinha.

A vestibulanda Taís Aparecida dos Santos ainda tem dúvidas sobre qual profissão seguir, mas a decisão de continuar morando com os pais durante a faculdade já é certa. A jovem explica que a comodidade e os poucos gastos foram os principais fatores que ajudaram na hora da decisão. “Pretenho deixar a casa dos meus pais quando estiver com meu diploma na mão. Enquanto isso, não preciso me preocupar com afazeres domésticos e com o orçamento contribuirá para que eu dedique mais tempo aos estudos”, afirma Taís.

Gabriela discorda e diz que deixar a casa dos pais para estudar tem muito mais pontos positivos. Ela acredita que os jovens aprendem, mesmo que na marra, a cuidar da própria vida e que adquirir responsabilidades deve fazer parte dessa fase. Mas para isso o jovem precisa estar realmente focado em seu futuro para não se deixar levar pelos perigos que a vida universitária longe de casa oferece.

Foto Natália Pirola

# TCC é desafio para alunos de vários cursos

## Alunos passam boa parte do tempo se dedicando ao projeto final

Repórter **Rafael Zocco**

Quando um aluno começa um curso superior e tem a certeza de que seguirá carreira naquela profissão, o seu principal objetivo é se formar o quanto antes e começar a trabalhar.

Os primeiros anos que ele passa podem ser produtivos e ao mesmo tempo tranquilos e relaxantes. Mas quando chega à metade da graduação, nada se compara com a dedicação que o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) exige, definindo o trajeto para o diploma e acesso ao concorrido mercado de trabalho.

O TCC gera grande turbulência na vida da pessoa. Dependendo do curso, o trabalho pode ser individual ou em grupo, gerando momentos de muito estresse. É tanta dedicação às pesquisas e ao experimento que a vida social fica de lado.

Anna Julia Faria, estudante do 4º ano de Publicidade e Propaganda do Centro Universitário de Araraquara – Uniara tem uma atividade prática no TCC. “Temos que escolher uma empresa ou serviço como cliente da nossa agência fictícia. Após a escolha, devemos levantar um histórico desse cliente, analisar seus pontos fortes e fracos, o que deve ser mudado para a marca se consolidar e modificar o que for necessário”, conta.

Faltando pouco para a formatura, o processo está na fase final. “Já concluímos a parte da análise e passamos por algumas avaliações dos professores. Agora temos

que desenvolver uma nova campanha para nosso cliente baseada nos dados coletados”, explica.

Outro fato determinante é de que muitos estudantes são efetivados na empresa na qual faz estágio. Outros, porém, ainda não conseguem se estabilizar em seu trabalho sabendo que a rotina será temporária. Para a estudante do 4º ano de Publicidade e Propaganda da Cásper Libero (SP), Mayara Mattioli, isso prejudica o futuro da pessoa no mercado de trabalho. “Aqueles que são efetivos possuem uma carga horária maior de trabalho e, infelizmente, os estagiários (apesar de ganharem menos) muitas vezes realizam atividades mais complexas e acima de sua hierarquia.” conta.

Mattioli alerta, também, que a rotina de trabalho e estudo gera desgaste durante a preparação de todo o projeto. No total, são oito pessoas em seu grupo, sendo que seis já estão no mercado de trabalho. “Dentro do meu grupo, os que trabalham o dia todo chegam muito cansados à noite na faculdade e, praticamente, não aproveitam ou produzem nada. Esse processo se torna cansativo para todos os integrantes, pois as reuniões de grupo não são muito produtivas. Geralmente, só o mínimo necessário é feito”, ressalta.

A estudante alega que muitos estudantes levam seu ano de conclusão de curso como qualquer um dos outros na faculdade, sem muito esforço ou interesse, forçando os outros a trabalharem o seu lado emocional: “É possível trabalhar muito a

liderança, pois geralmente um grupo é formado por cinco ou mais pessoas e alguém tem que colocar ordem e organizar as informações, assim como distribuir as tarefas que precisam ser realizadas. É também um ano para se trabalhar a paciência. Eu, pessoalmente, já trabalhei todos os meus lados durante meu TCC, como paciência, liderança e autocontrole”, completa.

### Falta de experiência

Diferentemente do curso de Publicidade, Nádia Rodrigues, estudante de Letras da Universidade Estadual de São Paulo (Unesp), enfrenta o problema de não ter uma aula específica sobre como deve ser feito o projeto e quem sai em vantagem no TCC são os alunos que já tem alguma iniciação científica.

A estudante, porém, começa a ver outros caminhos dentro do campo de pesquisas de seu projeto. “Com o TCC, consegui ter uma leitura mais crítica dos textos envolvidos com os projetos e dessa forma fico mais por dentro de como é a elaboração de uma dissertação, seja de mestrado ou doutorado”, explica.

Ao contrário de uma apresentação em grupo, Rodrigues faz fichamentos de seu projeto e envia para que a coordenadora do seu curso faça uma análise do tema. “Os fichamentos são a técnica que eu uso para elaborar a monografia e estudar para o mestrado. Neles, eu coloco as ideias do texto, citações e páginas que vou usar no projeto. Isto serve para estudo e me ajuda muito

para a elaboração do projeto de mestrado. Acredito que a função do TCC é inserir o aluno no mundo acadêmico e incentivá-lo a produzir mais textos”, conta.

### Os cuidados

A professora e coordenadora do curso de Publicidade e Propaganda da Uniara, profa. Eduarda Escila Lopes, conta que o aluno deve se preparar para se apresentar seguro diante da plateia no dia da defesa de seu trabalho. “Uma dica é que o aluno organize, desde o início, o seu cronograma e acompanhe-o, cumprindo os prazos estipulados. Assim, o aluno não se esquecerá de nada e dará prioridade ao que for mais urgente”, recomenda.

“Para fazer uma boa apresentação, primeiro o aluno deve ter domínio sobre o que vai falar. Portanto, pegar textos prontos e copiados não adianta neste caso. Com a segurança do domínio sobre o conteúdo, o aluno passa a se preocupar com a oratória, então o roteiro volta a ser útil”, afirma.

O ensaio para a apresentação do aluno ou de um grupo pode ser crucial na hora da defesa do trabalho, desde o discurso até o sincronismo da passagem dos “slides”. “A relação na hora de orientar o aluno deve ser produtiva, mas, para isso, o aluno deve lembrar que o orientador não faz a redação do trabalho. Ele apenas dá as diretrizes, encaminha e faz correções, mostrando as referências a serem usadas”, finaliza a profa. Eduarda.

# Maturidade não impede volta à escola

## Alunos da Uniara que possuem 30 anos ou mais são 8%



Foto Valdir Montanaro

**Jaqueline Franco (centro) realiza agora o sonho que teve aos 15 anos**

Repórter **Valdir Montanaro**

Está ficando normal ver cabelos grisalhos nos corredores das Universidades. Segundo o Censo do Ensino Superior de 2010 do Ministério de Educação (MEC), a média de idade dos alunos nos cursos presenciais no Brasil é de 25 anos. De acordo com o departamento de Marketing do Centro Universitário de Araraquara – Uniara, em 2012, 8% dos alunos

matriculados têm 30 anos ou mais e este número vem crescendo gradativamente nos últimos anos.

À reportagem do **Vital**, a escritora do Tribunal de Justiça do Estado e, agora, aluna do segundo ano do curso de Publicidade e Propaganda na Uniara, Jaqueline Franco, de 45 anos, comentou que sempre teve em suas metas o sonho de fazer um curso de criação e que não fez quando jovem devido à falta de apoio da família. Se-

gundo ela, o sonho surgiu depois que participou de uma palestra com um profissional da área, quanto tinha 15 anos.

Ela comenta que não enfrenta dificuldades de aprendizagem nas disciplinas, pois sempre fez cursos técnicos e profissionalizantes e isso ajuda a não perder o raciocínio. O relacionamento com alunos mais novos é normal e não se importa em realizar seu sonho somente agora, aos 45 anos.

Já o serralheiro, Milton César Ricco, de 40 anos, hoje estudante do quarto ano de Engenharia Civil na Uniara, comenta que sempre quis fazer um curso de graduação, mas não fez antes devido a questões financeiras. Somente agora, após dezenove anos, consegue realizar seu objetivo. Ricco acredita que o curso vai acrescentar em sua profissão, pois no seu dia a dia trabalha com cálculos numéricos e estruturas metálicas.

Ainda de acordo com Ricco, a assimilação de matérias e absorção do conteúdo são bem tranquilos. Além disso, o convívio com os números em seu emprego facilita no aprendizado. “Minha maior dificuldade é o dia a dia, as obrigações familiares, trabalho, universidade e viajar setenta quilômetros todos os dias”, observa.

A estudante do primeiro ano de Pedagogia da União das Instituições Educacionais do Estado de São Paulo (Uniesp), Nanci Micalli, de 33 anos, não se importa de, após quinze anos, voltar

a estudar. Acredita que o curso vai ajudar em sua vida profissional e na renda familiar e lembra que não vai parar na graduação, pois pretende fazer uma pós-graduação.

Julia Maria Gorla, professora de Língua Portuguesa na Uniara, explica que em sala de aula os alunos mais velhos apresentam um comportamento mais maduro. Por serem mais vividos, tem pressa de se especializar para obter melhores empregos e pagam o próprio curso. Já os jovens são mais ativos, falantes e muitas vezes mais criativos, porém, esta hiperatividade às vezes faz com que se esqueçam de algumas regras de comportamento em sala de aula.

Gorla afirma que há dois tipos de alunos mais velhos, os que tiveram uma formação pouco sólida anteriormente ou que nunca fizeram outro curso superior e estão distantes da sala de aula e do aprendizado por mais tempo, e os que já fizeram um curso superior e estão em busca de uma segunda formação.

Os do primeiro caso podem apresentar dificuldades na assimilação de conteúdo. Já os que se encaixam na segunda opção apresentam muita facilidade de raciocínio, de organização do pensamento e de assimilação.

Ambos têm em comum a certeza de suas escolhas e se esforçam para cumprir prazos e metas, observa a professora.

# Preconceito é rotina na vida escolar de religiosos não católicos

## Vida universitária pode ser prejudicada com rotina de bullying

Repórter **Rodolfo Fernandes**

Alunos que praticam religiões cuja doutrina exige vestuário ou hábitos diferentes da maioria costumam enfrentar problemas de convivência com os demais alunos nas universidades. O problema afeta principalmente mulheres evangélicas, que sofrem pressão para mudar seu jeito de se vestir e até mesmo perseguições.

Maria Angélica Castelacce, aluna de Publicidade e Propaganda e seguidora da igreja Obra em Restauração, cujo código de comportamento pede aos seguidores o uso de saias compridas e blusas comportadas, é facilmente reconhecida pela opção religiosa. Para ela, o preconceito contra sua religião é uma realidade e ela própria sofreu restrições no início, mas com o tempo mostrou que sua criatividade e inteligência não dependem da opção religiosa e que evangélicos podem ter uma vida social ativa sem precisar quebrar a doutrina. Quanto às piadinhas constantes sobre religião ela consegue levar numa boa.

“Aqui tem de tudo, evangélico, espírita e até ateu. Temos de nos adaptar e respeitar as diferenças; para mim esse tipo de atitude é perda de tempo e acho muito tosco quem faz isso. Eu procuro não me importar, pois não quero ficar discutindo religião com ninguém”.

Há os casos em que a doutrina religiosa conflita diretamente com o cronograma universitário, como o das testemunhas de Jeová e adventistas, que não podem frequentar au-

las nas sextas à noite e nos sábados.

Amaurilio Ricardo Arantes, membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia, já sonhou em cursar uma universidade mas, ciente das dificuldades que enfrentaria, desistiu e optou por fazer um curso técnico de administração que tinha horário mais flexível e pode repor as aulas da sexta na turma da manhã.

“Eu sei que as faculdades já conseguem dar um jeito, mas é muita burocracia e às vezes você perde até um ano, ou tem de entrar na justiça para conseguir alguma liberação. Então para mim foi mais fácil fazer o técnico e já estar logo pronto para o mercado”, afirma Amaurilio.

No caso das pessoas que não podem cursar as sextas à noite e aos sábados, já está mais fácil. As universidades têm sido mais receptivas e procuram oferecer alternativas para que possam compensar as aulas perdidas, ou eles não se matriculam nas matérias de sexta e as fazem em outro dia da semana. Mas essa alternativa pode atrasar a conclusão do curso.

Para quem não conseguir essa negociação, resta entrar na Justiça, visto que a Constituição garante liberdade religiosa.

Apesar disso, principalmente entre colegas é comum ouvir casos de estudantes ofendidos por piadas em relação a pastores ou igrejas, sofrer isolamento social, ou até mesmo receber ofensas diretas e pessoais. Atitudes desse tipo configuram intolerância religiosa e não são toleradas pelas universidades.



Foto Arquivo Pessoal

**Maria Angélica considera tosco quem faz piadas sobre religiões**

# Jornalismo da Uniara recebe certificação

## Além do Jornalismo, mais três cursos da Uniara receberam da Editora Abril o selo de avaliação do Guia do Estudante

Repórter **André Dias**

Os cursos de Jornalismo, Administração, Biologia e Biomedicina do Centro Universitário de Araraquara – Uniara foram avaliados e receberam o selo três estrelas do Guia do Estudante, da Editora Abril, em uma escala de zero a cinco. Com esse reconhecimento, as graduações constarão na publicação “Guia do Estudante Profissões Vestibular 2013”, que estará disponível nas bancas a partir do dia 25 de outubro.

A notícia foi recebida com satisfação pelos alunos, docentes, funcionários e diretoria do Centro Universitário que conta com mais de trinta cursos oferecidos à sociedade.

A coordenadora do curso de Jornalismo, profa. Elivanete Zupolini Barbi, afirma que “essa avaliação é muito importante, pois o Guia tem muita credibilidade e há anos é referência para os vestibulandos no momento de escolha da profissão e da instituição onde cursar”.

Ela comemora: “Para nós também é muito importante, pois o curso de Jornalismo da Uniara já é reconhecido e avaliado pelo MEC, e agora também recebe esse selo de qualidade de um órgão externo privado. Além disso, é amplamen-

te reconhecido no mercado de trabalho, pois temos uma procura intensa por estagiários e a maioria absoluta dos profissionais que está na ativa em veículos de comunicação, órgãos públicos, assessorias e instituições da região é formada pela Uniara”. A coordenadora considera que “esse selo de qualidade vem completar as avaliações recebidas e nos estimular a sempre aprimorar, pois educação é um processo e, no caso de cursos de Jornalismo, é um processo acelerado e dinâmico, que exige constantes atualizações”.

O estudante Jhonatan Mazini, do segundo ano de Jornalismo, acha a certificação um excelente resultado. “Sempre analisei o guia do estudante antes de entrar na faculdade. e se a faculdade recebe esta certificação significa que é uma boa instituição”, afirma. Ainda segundo Mazini, os vestibulandos que pretendem ingressar no curso também deveriam atentar a esta classificação.

A vestibulanda Natali Rissi, 18 anos, também vê o selo como ponto positivo para o curso. “Se a faculdade recebeu o selo em alguns cursos, é sinal que é uma boa faculdade”, afirma. Para o coordenador do curso de Administração, Edu-



Foto Rodolfo Fernandes

**Prédio onde são realizadas as atividades do curso de Jornalismo**

ardo Rois Morales Alves, o feito “sela, literalmente, uma trajetória de tradição, ensino sério e competente do curso, que se traduz em grandes números de reconhecimento de nosso papel pela sociedade, compromisso com a comunidade e importante contribuição na formação de profissionais de gestão em Araraquara e região”.

O coordenador de Biomedicina, Orivaldo Pereira Ramos, conta que esse re-

conhecimento dá a certeza de que o curso está no caminho certo. “Temos uma equipe de funcionários e professores capacitados e dedicados, que realizam um trabalho sério na formação de novos biomédicos para o mercado de trabalho.

“Acho interessante o curso de Biologia aparecer no Guia do Estudante Profissões Vestibular, que também é uma forma de divulgação da graduação”, afirma Teresa Muraoka, coordenadora do curso.

# Novas tecnologias aposentam o caderno

## Educadores repensam o paradigma educacional diante das novidades tecnológicas que invadem as escolas brasileiras em todos os níveis

Repórter **Artur Francischi**

Com novas tecnologias entrando em sala de aula, educadores repensam o paradigma da pedagogia tradicional frente ao desafio de como utilizar as novas ferramentas em benefício da educação, sem dispersar a atenção dos alunos.

Uma nova realidade vai tomando conta das salas de aula brasileiras. Cada vez mais, os cadernos vêm sendo substituídos por computadores e tablets, as lousas verdes foram trocadas pelas digitais e as lições de casa, agora estão em portais de educação, na Internet.

Ensinar os professores a lidar com as novas tecnologias é o desafio da escola de hoje, uma vez que os alunos já entram nela sabendo lidar com essas tecnologias.

Universidades e outras escolas correm para se tornar visíveis e não ficar para trás. Umam colocam páginas padronizadas, previsíveis, em que mostram a sua filosofia, as atividades administrativas e pedagógicas. Outras criam páginas atraentes, com projetos inovadores e múltiplas conexões.

A educação presencial pode modificar-se significativamente com as redes eletrônicas. As paredes das escolas e das universidades se abrem, as pessoas se intercomunicam, trocam informações, dados, pesquisas. A educação continuada é otimizada pela possibilidade de integração de várias mídias, acessando-as tanto em tempo real como assincronicamente, isto é, no horário favorável a cada indivíduo, e também pela facilidade de pôr em contato educadores e educandos.

**Praticidade na ponta dos dedos**

Leonardo José Benigno Martins, estudante de direito, é um dos alunos que trocou as folhas de papel por um tablet. “Eu comprei meu equipamento no ano passado, mas somente este ano comecei a usá-lo em aula”,

conta. “Eu uso um aplicativo que me permite gravar as aulas em vídeo e em áudio, fotografar as anotações que estão na lousa e ainda me permite colocar essas fotos nas anotações que eu estou fazendo. Além disso, baixei o Vade Mecum, livro essencial para as aulas, no meu iPad. Ficou muito mais fácil estudar com o tablet, fora o transporte de material que é bem menor”, explica.

Os tablets, como o iPad, são leves, rápidos e fáceis de usar e carregar. Muitos estudantes preferem usá-lo, ao invés dos laptops, justamente pela sua praticidade. Com conexão rápida à Internet, fazer pesquisas na rede, ler e escrever e-mails e até baixar livros fazem os tablets serem uma escolha acertada para quem quer trocar os cadernos por algo mais digital. A maioria das baterias dura cerca de 10 horas, o que garante uma autonomia de uso para um dia inteiro de aula.

“É mais fácil estudar com ele. Tudo que eu preciso para a aula está ali. As aulas estão todas ali. Bem prático e rápido”, conclui Leonardo.

**Portal Educacional**

O Centro Paula Souza, em parceria com o portal ClickIdea, começou a disponibilizar o conteúdo das aulas on-line. “No Ensino Médio de cada ETEC tem um professor-coordenador responsável por divulgar e fazer com que alunos e professores possam interagir virtualmente. Cada professor e cada aluno possuem um login e uma senha para poder acessar o portal”, explica Mário Hanada, professor de matemática do Centro Paula Souza – o ETEC, de Araraquara. “O ClickIdea é um site educacional, como outros que existem na internet, porém, este portal caracteriza-se principalmente pela possibilidade de interação entre todos os usuários: alunos, professores, coordenadores, coordenador pedagógico e diretor, e recentemente a biblioteca, através das atividades escolares”, conta o professor.



**Leonardo usa seu tablet para gravar aulas e digitar textos**

Os alunos têm acesso aos conteúdos das disciplinas regulares, podem interagir com os professores, através dos blogs exclusivos do portal, além de poderem postar atividades. Desse modo, todos que possuem acesso ao portal podem utilizar o conteúdo disponibilizado, consultá-lo e compartilhá-lo.

A utilização desta ferramenta no estudo começou há pouco tempo. Para o professor Mário Hanada, ainda é cedo para dizer se ela é realmente eficaz. “É uma coisa nova para a nossa escola, teve início em 2010 e estamos todos tentando nos adaptar. Estamos trabalhando para que esta ferramenta seja atrativa e interessante aos nossos usuários. Neste ano percebi um maior número de acessos dos alunos, o que pode indicar um maior interesse. É claro que os professores têm colaborado bastante para que o uso da internet possa ser um atrativo também para os estudos dos nossos alunos. Então entendo que aos poucos os alunos estejam gostando da ferramenta”, avalia Hanada.

Ainda segundo o professor, as tecnologias em sala de aula podem ajudar a melhorar o aprendizado dos alunos. “Na minha

opinião, desde que utilizada [a tecnologia] de forma a não atrapalhar o desenvolvimento dos conteúdos planejados, ajudam muito. Em todas as épocas usamos tecnologias novas no dia-a-dia. Algumas escolas mais, outras menos, depende de cada comunidade escolar saber enfrentar os novos paradigmas que surgem em qualquer área de trabalho, e é assim também para os professores, alunos e por que não dos pais? “Vale lembrar que nada substitui o professor em sala de aula. O portal veio num momento em que a internet já faz parte da rotina dos jovens. Portanto, é um recurso que pode auxiliar e motivar os alunos a estudarem conforme vivenciam a tecnologia virtual atual”, finaliza.

O papel das novas tecnologias na Educação pode auxiliar de forma significativa no processo da aprendizagem. As escolas e universidades estão sendo obrigadas a acompanhar a revolução equipando os laboratórios e preparando o ambiente físico propício para tentar satisfazer a necessidade de conhecimento do aluno. À medida em que se consegue unir Educação e Tecnologia, superam-se preconceitos e pré-conceitos.